



BÊNÇÃO DE PAZ
CENTRO ESPÍRITA

PROBEM

MÓDULO AVANÇADO

Lei de Destruição

Aula: 13-05-2019

Paulo Ricardo Abud Silva

Síntese do material visto em aula

Livro dos Espíritos

Parte III

AS LEIS MORAIS

LEI DE DESTRUIÇÃO (Perg. 728 a 765)



BÊNÇÃO DE PAZ
CENTRO ESPÍRITA

Livro dos Espíritos – Perg. 728

“É preciso que tudo se destrua para renascer e se regenerar. O que chamais destruição é apenas transformação que tem por objetivo a renovação e o melhoramento dos seres vivos.”

Conceito

Destruição:

- Do latim destructione significa ação ou efeito de destruir;
- demolição: destruição de uma casa.
- O que chamamos destruição não é mais que transformação.

Destruição necessária e destruição abusiva

(Perg. 728 a 736)

- É necessário que tudo se destrua para renascer e regenerar, porque o que chamamos de destruição não é mais que transformação, cujo objetivo é a renovação e melhoramento dos seres vivos.
- As criaturas de Deus são instrumentos de que Ele se serve para atingir seus fins. Para nutrirem-se os seres vivos destroem uns aos outros, com o duplo objetivo de manter o equilíbrio da reprodução e de utilizar os restos do envoltório exterior.
- Para evitar a destruição antes do necessário a natureza cerca os seres vivos com os meios de preservação e conservação. Toda destruição antecipada entrava o progresso do princípio inteligente.
- Pelo instinto de conservação deve o homem buscar prolongar a sua vida, e por isto uma voz secreta o faz repelir a morte.

Destruição necessária e destruição abusiva

(Perg. 728 a 736)

- Os meios de conservação estão ao lado dos meios de destruição para manter o equilíbrio e servir de contrapeso.
- A necessidade de destruição é proporcional ao grau evolutivo dos diversos mundos e desaparece num mundo num estado físico e moral mais apurado.
- Na terra a necessidade de destruição diminui à medida que o Espírito supera a matéria.
- Com relação a destruição dos animais o homem tem o direito de aplicar a destruição regulado à medida da necessidade de prover sua alimentação e segurança, sendo que o abuso jamais foi direito.
- Atividades que ultrapassam as necessidades mostram a predominância da bestialidade sobre a natureza espiritual, sendo o homem responsável pelos abusos que tenha cometido.
- Alguns povos têm escrúpulos com relação a morte de animais, muitas vezes mais por temor supersticioso do que por caridade.

Flagelos destruidores

(Perg. 737 a 741)

- Sendo a destruição uma necessidade para a regeneração moral dos espíritos, que em cada nova existência física, sobem um degrau na escala do aperfeiçoamento, Deus permite a ocorrência de flagelos destruidores para fazê-los progredir mais depressa.
- Somente vendo do ponto de vista pessoal, o homem não percebe o objetivo da destruição, qualificando-a de flagelos, por efeito do prejuízo que lhes causam. Porém, ela é necessária para que mais depressa se dê o advento de uma melhor ordem das coisas, consumando-se em alguns anos o que levaria muitos séculos.
- Deus, no entanto, emprega outras maneiras para obter a melhora da Humanidade, tendo nos dado meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. O homem é que não aproveita desses meios, sendo necessário que seja castigado no seu orgulho para que sinta a sua fraqueza.

Flagelos destruidores (Perg. 737 a 741)

- Os sofrimentos de que o homem tanto se queixa nada são diante da eternidade, significando um ensino que lhe servirá no futuro. A vida do corpo pouca coisa é, pois, os espíritos preexistem e sobrevivem a tudo, formando o mundo real. Os corpos são meras vestimentas com que aparecem no mundo.
- Se o homem compreendesse a vida como ela realmente é, entenderia o pouco que esses flagelos destruidores representam em relação ao infinito, pois essas vítimas, em outra passagem pela carne, serão amplamente compensadas, se souberem suportar seus sofrimentos sem murmurar.
- Os flagelos destruidores, muitas das vezes, têm uma utilidade física, ao mudarem as condições de uma região, o que, entretanto, só resultará em bem para as gerações vindouras.
- Constituem provas que possibilitam ao homem exercitar a sua inteligência, paciência e resignação ante a vontade de Deus, além de lhe oferecerem oportunidade de demonstrar abnegação, desinteresse e amor ao próximo.

Flagelos destruidores

(Perg. 737 a 741)

- À medida que progride em conhecimentos e experiência, o homem vai conseguindo conjurar esses flagelos, prevenindo-se de suas causas. Contudo, alguns há que são de caráter geral e estão nos decretos da Providência. Contra esses, o homem nada pode opor, somente lhe restando se submeter à vontade de Deus.
- Kardec comenta que, havendo soado a hora da partida, a morte virá de qualquer modo, por causa comum ou por meio de um flagelo. A única diferença é que, nesse caso, um maior número parte ao mesmo tempo. Se, no entanto, pensarmos a Humanidade em seu conjunto, esses flagelos não nos pareceriam mais do que passageiros tempestades no destino do mundo.
- Ressalta, ainda, o Codificador, que o homem tem encontrado na ciência os meios de impedir ou atenuar muitos desses flagelos. Que não fará pelo seu bem-estar material quando souber aproveitar-se de todos os recursos de sua inteligência, aliando aos cuidados de sua conservação pessoal a caridade para com os seus semelhantes, indaga Kardec.

Guerras

(Perg. 742 a 745)

- O estado de guerra reflete a predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual no homem e o transbordamento das paixões.
- No estado de barbaria, os povos só conhecem o direito do mais forte, daí a guerra ser um estado normal. Com o progresso do homem, esse estado de guerra se torna menos frequente, pois ele passa a evitar as suas causas, fazendo-a, quando necessária, com humanidade.
- Quando os homens praticarem a lei de Deus e compreenderem a sua justiça, a guerra deixará de existir na Terra e todos os povos se considerarão irmãos.
- Tornando necessária a guerra, a Providência objetivou a liberdade e o progresso. No entanto, pode dela resultar a escravização dos povos, o que se permite para fazê-los progredir mais depressa.
- Aquele que suscita a guerra para proveito próprio responderá pelas mortes que ela tenha causado para satisfazer à sua ambição, havendo de passar por muitas existências para expiar todos os assassínios de que haja sido causa.

Assassinato

(Perg. 746 a 751)

- O assassinato é um grande crime perante Deus, pois tira de um semelhante a oportunidade de uma existência de expiação ou de missão, necessária à sua evolução espiritual.
- Deus, que é justo, julga o fato mais pela intenção do que pelo resultado.
- Somente a necessidade de agir em legítima defesa pode escusar sua prática, desde que o agredido não possa preservar sua vida sem atentar contra o agressor.
- Durante a guerra, não tem o homem culpa pelos assassinatos que pratica constrangido pela força. Todavia, é culpado se o comete com crueldade e sem levar em conta o sentimento de humanidade.
- Os povos em que o infanticídio se constitui um costume e está consagrado pela legislação comprovam que o desenvolvimento intelectual não implica na necessidade do bem. Apenas demonstram que um espírito pode ser superior em inteligência, porém mau, ou seja, tem vivido sem se melhorar.

Crueldade

(Perg. 752 a 756)

- A crueldade é o que tem de pior no instinto de destruição. A destruição constitui uma necessidade. Mas, o mesmo não se dá com a crueldade, que é sempre resultado de uma natureza má.
- Nos povos primitivos, a crueldade predomina, face à preponderância da matéria sobre o espírito. Como não experimentam outras necessidades senão as da matéria, o instinto de conservação os torna, em geral, cruéis. Além disso, estes povos se conservam sob o império de espíritos igualmente pouco evoluídos, que com eles se afinizam, até que venham se libertar dessa influência.
- A crueldade é consequência do atraso no desenvolvimento do senso moral. Tanto no homem cruel como nos selvagens, embora o possuam, o senso moral se encontra em estado rudimentar. À medida que vão desenvolvendo este senso, neutralizam os instintos materiais, tornando-se bons e humanos.

Crueldade

(Perg. 752 a 756)

- Kardec comenta que todas as faculdades existem no homem e se desenvolvem conforme as circunstâncias. Porém, explica que o desenvolvimento excessivo de umas detém ou neutraliza o das outras. Com a evolução do senso moral, o homem enfraquece, pouco a pouco, as faculdades puramente animais.
- No seio das civilizações mais adiantadas, pode-se encontrar espíritos tão cruéis quanto os selvagens, que encarnam entre homens adiantados como meio de também se adiantarem. Não conseguindo vencer a prova, deixam predominar a natureza primitiva.
- Com o progresso da humanidade, os espíritos em quem ainda domina o instinto do mal irão desaparecendo gradualmente. Mas renascerão sob outros invólucros, com mais experiência, que o farão compreender o bem e o mal. À exemplo das plantas e dos animais, que o homem conseguiu aperfeiçoar, desenvolvendo neles novas qualidades, estes espíritos também progredirão. Serão necessárias, contudo, muitas gerações para que esse desenvolvimento se torne completo.

Duelo

(Perg. 757 a 759)

- O duelo é um assassinato e um costume absurdo, digno dos bárbaros. À medida que a civilização avança, o homem vai compreendendo que o duelo é tão ridículo quanto os combates em nome de Deus, outrora praticados.
- Aquele que pratica o duelo sendo sabedor de sua própria fraqueza e de que, quase certamente sucumbirá pratica, na realidade, um suicídio. Quando as probabilidades são as mesmas para ambos os duelistas, temos um assassinato e um suicídio.
- O duelista ocorre sempre em culpa, por atentar friamente contra a vida de um semelhante e contra a própria vida, inutilmente e sem proveito para ninguém.

Duelo

(Perg. 757 a 759)

- O chamado "ponto de honra" usado por uns para justificar a prática do duelo é resultado do orgulho e da vaidade do homem, sentimentos que constituem o que os Espíritos chamaram de "dupla chaga da humanidade".
- Quando os homens se melhorarem e estiverem mais adiantados moralmente, entenderão que o verdadeiro ponto de honra está acima das paixões terrenas e que não repararão agravos com a morte de seu semelhante. Compreenderá que a verdadeira honra está em reconhecer o erro, se cometeu alguma falta ou perdoar, se a razão estiver do seu lado.

Pena de Morte

(Perg. 760 a 765)

- A pena de morte, um dia desaparecerá da legislação humana, o que, embora ainda muito distante, representará um progresso da humanidade.
- Kardec comenta que, apesar de o progresso social ainda deixar muito a desejar, seria injusto para com a sociedade moderna não se ver um progresso nas restrições à pena de morte no seio dos povos mais adiantados.
- Há outros meios de o homem preservar a sua vida, como determina a Lei de Conservação, que não matando. Além disso, deve-se sempre garantir ao criminoso o direito ao arrependimento.

Pena de Morte

(Perg. 760 a 765)

- À medida que se instrui, o homem compreende melhor o que é justo e o que é injusto e elimina os excessos que em épocas menos adiantadas cometia em nome da justiça, por achá-los necessários.
- Em outras épocas, mortes aconteciam em nome da justiça e, até, da divindade, o que era considerado natural. Assim o que, numa época, é considerado justo, em outra parece bárbaro, pois as leis humanas mudam com o progresso, até ficarem de acordo com as leis divinas, estas, sim, eternas.
- Constitui equívoco invocar-se a pena de talião para aplicar a pena de morte a um assassino. É certo que ele será punido naquilo em que pecou. Mas essa justiça quem deve aplicar é Deus, através da Lei de Causa e Efeito.
- Quando o homem aplica a pena de morte em nome de Deus, na verdade, está pretendendo tomar o seu lugar na distribuição da justiça. Os que agem assim estão longe de compreender Deus e terão que expiar esses assassinatos.

Bibliografia

- Livro dos Espíritos – Allan Kardec – Parte 3ª - Leis Morais - Cap. VI – Lei de Destruição
- Material extraído do Centro Virtual de Divulgação e Estudo do Espiritismo - CVDEE